



XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

O campus da UEFS e o acervo Gepro/Uninfra

Herbert Lorran Queiroz Sampaio¹; Pedro Augusto Vieira Santos²; Liz Bezerra Santana³

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Engenharia Civil, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

herbertlorran@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pedrov@usp.br

3. Mestranda, Programa de pós-graduação Desenho, cultura e interatividade, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lizbezerrasantana@outlook.com

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura moderna, Desenho, UEFS.

INTRODUÇÃO

O trabalho busca uma melhor aproximação aos temas da arquitetura por meio da análise do próprio campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tomando suas construções, mas também o acervo de projetos existentes na Gerência de Projetos/Unidade de Infraestrutura (Gepro/Uninfra) como objetos privilegiados de pesquisa. Com esse material, a própria Universidade passa a ser, sem exageros, fonte inesgotável de temas e objetos para pesquisa, a começar por seus próprios edifícios e pelos documentos a eles vinculados ou sob sua guarda (Lira *et al*, 2015; Santos, 2016). O resumo busca apresentar ao público alguns pontos relevantes dessa aproximação, enfatizando o desenho como instrumento cognitivo que pode e deve ser utilizado na formação de engenheiros e arquitetos e, mais ainda, como fonte para se pensar formas mais apropriadas de intervenção na preexistência.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi organizada, basicamente, em três frentes de trabalho: a consulta ao acervo da Gepro/Uninfra, para leitura, registro e análise dos projetos originais em papel, depositados na instituição; pesquisa bibliográfica, buscando compreender melhor o histórico/contexto da construção da UEFS, bem como referências ligadas ao campo da preservação (colocando em evidência a relevância que esse acervo possui); exercícios em sala de aula (especificamente na disciplina LET 616 Desenho Arquitetônico).

ALGUNS DOS RESULTADOS

Em janeiro de 1970 é instituída a Fundação Universidade Feira de Santana (FUFS), responsável pela criação e manutenção da Universidade, que foi autorizada a funcionar em maio de 1976. Posteriormente, a FUFS foi extinta e a UEFS foi transformada em autarquia, em dezembro de 1980, passando à atual denominação. Nesse primeiro momento de gestação, antes mesmo de ter seu funcionamento autorizado, são inaugurados dois conjuntos de edifícios no campus da UEFS: os módulos I, em 1974, e

II, em 1976. Já em funcionamento no atual campus, os demais módulos são paulatinamente construídos e ocupados: III, em 1976; IV, em 1980; V, em 1984; VI, em 1985; VII, em 1999. Os edifícios localizados nas extremidades de cada módulo, por sua vez, são construídos entre os anos 1996 e 1998.¹ O projeto de arquitetura ficou a cargo de Jader Tavares, Otton Gomes e Fernando Frank.² Se são nomes pouco conhecidos no panorama da arquitetura nacional ou regional, não se pode dizer que são nomes desconhecidos, e basta lembrar que, em Feira de Santana, foram eles os responsáveis pela reforma do Museu Regional no edifício hoje ocupado pelo Museu de Arte Contemporânea.³ Em Salvador, o Clube Espanha, inaugurado em 1975 e infelizmente demolido em 2010⁴ e a Casa do Comércio, inaugurada em 1988, são projetos desse trio de arquitetos. Aqui vale ressaltar a inegável relação entre projeto arquitetônico e estrutural, e em como as duas formações – a de arquitetos e engenheiros – colaboraram uma com a outra. O engenheiro responsável pela Casa do Comércio, José Luiz Costa Souza, comenta:

A obra nasceu da forma que foi idealizada pelos arquitetos. A estrutura foi definida conjuntamente, discutindo-se as possibilidades de adaptações do projeto, dos processos executivos e do detalhamento compatível com o cálculo estrutural. Um dado interessante é que desde que foi construído, o prédio não perdeu espessura nos seus elementos de aço. Assim como precisamos ir periodicamente ao médico e fazer a manutenção de nosso corpo, com os prédios acontece o mesmo. (Ping-Pong, 2016, p. 21)

Neste ponto, vale chamar atenção para a preocupação de Souza com a manutenção dessas estruturas.

Tem-se, assim, um emaranhado de informações que nos levam a pensar na relevância que os edifícios da UEFS possuem, bem como os projetos arquivados na Gepro/Uninfra. A despeito de parecerem banais para muitas pessoas, poderiam ser reconhecidos como exemplares da arquitetura moderna e da arquitetura escolar, sugerindo, assim, a ampliação no que diz respeito aos períodos e programas dos edifícios de interesse cultural. Ampliação também geográfica pois, se a arquitetura manifesta-se de formas variadas em diferentes territórios, isso não deveria significar uma hierarquização entre o que é mais ou menos relevante. Uma construção eclética em Feira de Santana pode não ter a mesma relevância, a princípio, de uma construção eclética em Salvador, quando comparadas isoladamente, destacadas de seus contextos; mas algo que não tenha relevância para Salvador pode ter para Feira de Santana e vice-versa.⁵

¹ As referidas datas foram coletadas das placas instaladas nas entradas de cada módulo, que indicam a inauguração de cada um e registram os personagens envolvidos: da política e da administração, mas não seus arquitetos.

² A autoria está registrada nas referidas folhas dos projetos sob a guarda da Uninfra/Gepro, o que realça, mais uma vez, a relevância desse acervo como fonte primária de estudo.

³ Informação disponível no website da Prefeitura Municipal: https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=29&link=funtitec/museu_arte.asp acessado em 03 out 2022.

⁴ Informação disponível no website do clube, em que ainda se lê: “Dez dos mais conceituados escritórios de arquitetura participaram de um concurso para escolha do projeto da sede. Jader Tavares, Fernando Frank e Oton Gomes foram os vencedores.” <https://clubeespanhol.com.br/historia/> acessado em 03 out 2022.

⁵ Sobre a arquitetura eclética em Feira de Santana – e sua destruição nas últimas décadas –, ver Juraci Dórea, *Feira de Santana: memória e remanescentes da arquitetura eclética*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

Assim, o projeto desenvolvido para a UEFS, ao menos para a sua própria comunidade universitária, deveria ser tão relevante quanto aquele desenvolvido por Oscar Niemeyer para o Instituto Central de Ciências para Universidade de Brasília (UnB), por Diógenes Rebouças, Américo Simas e Oscar Caetano Silva para a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ou aquele de João Vilanova Artigas para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) (ou poderíamos estender o exemplo ao “corredor das humanas” idealizado para a USP).⁶ Não se trata de comparar projetos que em verdade são incomparáveis ou hierarquiza-los, mas compreender que a relação entre público, educação e espaço arquitetônico existe em todos eles, e em todos eles deveria abrir possibilidades análogas de investigação. Vale oferecer ao leitor uma descrição do projeto da UEFS, ainda que muito breve e superficial, mas que pode ensejar futuros trabalhos de investigação.

O descritivo se limita ao que chamamos de núcleo originário: os chamados “módulos”. Esse termo, bastante específico para os arquitetos, ali ganha outras dimensões: dizem respeito à unidade básica construtiva ou de componentes, à sua repetição, mas também à setorização dos departamentos da própria universidade. Cada um dos sete módulos é, geralmente, ocupado por um Departamento específico e, em alguns casos, por mais de um departamento, mas também o contrário: as atividades de um departamento se desenvolvem em mais de um módulo. Um corredor/passeio atravessa todos os sete módulos, começando como corredor fechado, dentro do edifício, tornando-se passeio aberto nas áreas descobertas em meio ao jardim.

Cada módulo, inicialmente, era composto por quatro pavilhões: um pavilhão administrativo (PAdm); um pavilhão para anfiteatro (PAnf); um pavilhão de salas para aulas teóricas (PTeo) e um pavilhão de salas para aulas práticas (PPra). Os módulos ímpares ainda recebem um quinto pavilhão (PCon), na verdade uma área coberta de convivência e funcionamento das lanchonetes. Em anos recentes os módulos pares tiveram áreas análogas ocupadas por verdadeiros “puxadinhos” (e o uso vulgar aqui é proposital: ainda que ocupem área análoga, em nada dialogam com as construções existentes, o que será retomado). Esses pavilhões são interligados por um passeio coberto em meio ao jardim.

Cada um dos pavilhões é estruturado a partir da repetição de uma unidade/módulo comum, com pequenos ajustes ou modificações, marcado pela presença de um pilar de seção trapezoidal e uma cobertura que, alinhada a essa seção, cria planos inclinados na horizontal e na vertical. O módulo, por sua vez, caracteriza-se por uma outra sub unidade/módulo, que é a caixilharia (composta por cinco folhas/unidades, com algumas exceções). Pilares são de concreto aparente, as paredes de alvenaria são revestidas com pastilhas de vidro, os caixilhos, de madeira, pintados de azul.

Vale destacar, por ora, soluções de projeto que denotam uma preocupação em relação ao conforto ambiental (e que hoje é da maior relevância) que, se não funcionam adequadamente, merecem ser melhor investigadas, para se compreender se as falhas são decorrentes de especificação de projeto, de alteração na execução, uso inadequado ou a sobreposição de vários desses fatores. Problemas dessa natureza não são exclusivos da

⁶ Sobre o corredor das humanas, ver o volume Alexandre Benoit, Guilherme Pianca, Ilana Tschiptschin, Laura Nakel e Rafael Urano. *Memória moderna de São Paulo: Corredor das Humanas*. São Paulo: Contravento, 2017; e também Autor, [título omitido].

UEFS e, em verdade, são recorrentes na arquitetura moderna. Em relação à ventilação, os caixilhos são compostos por folhas pivotantes (na parte inferior) e folhas basculantes (na parte superior), o que deveria criar ou induzir a circulação de ar; a isso se soma a existência de elementos vazados na outra extremidade de cada espaço, em parte mais elevada (superior ao caixilho), o que deveria reforçar essa circulação ou exaustão de ar. As paredes com caixilhos são recuadas em relação aos pilares externos (trapezoidais), criando assim dois anteparos para a incidência solar: vertical (os próprios pilares) e horizontal (a cobertura inclinada, como um beiral). A cobertura possui um desenho curioso: a superfície (laje) que cobre cada módulo “dobra-se” para cima, numa espécie de platibanda inclinada, que por sua vez esconde a cobertura (em telha de fibrocimento/amianto). A superfície avança em relação aos pilares e esse espaço, nas dobras, acaba por criar vazios abertos que deveriam servir para a circulação de ar entre a laje e a cobertura (o que, em teoria, ajudaria a diminuir a temperatura acumulada). Os corredores possuem domus em cada módulo, provendo a circulação de luz natural grande parte do dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fato é que os inúmeros aparelhos de ar-condicionado, os elementos vazados obstruídos e as janelas travadas sinalizam que todo esse aparato projetual não funciona de forma eficaz. E o que fazer? Buscar compreender as propostas originais, a natureza dos problemas e as possíveis soluções/correções do existente certamente é o caminho ideal. A negação dessas propostas e o condicionamento artificial de ar não é algo a ser refutado, mas a pergunta muda: como fazer? Seja uma ou outra solução, a viabilidade, a adequação e o sucesso das alternativas passa, obrigatoriamente, pela compreensão da arquitetura preexistente e sua valorização.

REFERÊNCIAS

- BENOIT, Alexandre; PIANCA, Guilherme; TSCHIPTSCHIN, Ilana; NAKEL, Laura e URANO, Rafael. **Memória moderna de São Paulo**: Corredor das Humanas. São Paulo: Contravento, 2017.
- DÓREA, Juraci. **Feira de Santana: memória e remanescentes da arquitetura eclética**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.
- LIRA, José; DELECAVE, Jonas; PRÓSPERO, Victor; FIAMMENGHI, João Bittar. Acervos de arquitetura como espaço histórico de formação. Em **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, n. 29, 2021, pp. 1-31.
- PING-PONG. Entrevista com José Luiz Costa Souza. Em **Revista do CREA BA**. Salvador, vol. 15, n. 52, 2016, pp. 18-22.
- SANTOS, Ana Maria Fontes dos. **Uma aventura universitária no sertão baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.